

31-05-2022

O que seria, afinal, uma orientação?

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Quando muitos de nós se aproximam dos cursos de pós-graduação é usualmente comum ouvir pessoas aconselhando que “escolher um bom orientador é fundamental”.

Na maioria das vezes, essas pessoas esquecem que os alunos, candidatos de Mestrado, Doutorado ou Pós-doutoramento estão entrando em mundo bastante diferente, uma vez que a vida acadêmica é cercada de mistérios que se desvendam pouco a pouco, e bota pouco nisso. Esse texto, fugindo das minhas características (meio cantor-bandido de rock e artevista*), traz muito mais dúvidas do que certezas e se propõe a uma narrativa do que se ouve nas antessalas das entrevistas que selecionam entre os candidatos quem “tem perfil para a vida acadêmica”, se é que isto realmente existe. Já começo questionando se o “mundo acadêmico” representa um trilhamento ou uma trilha a ser seguida. Antes de me deter nesse aspecto, prefiro arriscar dizendo que é muito mais uma espécie de 'bolha', ou quiçá um 'mundo paralelo' ao modo de andar a vida terrena. Que os acadêmicos (*strictu sensu*) sinceramente me perdoem: tendo passado por várias etapas em cada uma dessas trilhas - já esclareço o que as considero - tenho algumas opiniões formadas a partir do que já escutei por aí além das vivências ao longo das trajetórias.

Ainda hoje me lembro das 'caras apavoradas' e 'expressões chorosas' de colegas que saíam de entrevistas do Mestrado e eu perguntava 'o que aconteceu' e ouvia, em respostas soluçantes, “foi horróroso”, o que aumentava a minha curiosidade.

O que de fato acontecia lá dentro? Afinal, a entrada na Pós Graduação é um “trilhamento” ou uma “trilha”?

Sirvo-me de Luiz Alfredo Garcia Roza, que abordando um trecho da tradução da obra de Freud (Introdução à Metapsicologia), opôs-se à forma como a expressão alemã *bhanung* foi traduzida como um “trilhamento”, preferindo a categoria “trilha” que, como o psicanalista, também considero mais apropriada.

Pensar em “trilho” ou “trilhamento” - o que resulta de trilhos alinhados - me faz lembrar a ansiedade e o apavoramento de estudantes que ao sair da entrevista se sentiam literalmente “sem chão”. O que teria acontecido durante os meandros dessas entrevistas? Afinal de contas todos me pareciam muito bem preparados. Isso me remete a expressão “trilha” - por oposição ao “trilho” ou “trilhamento” - que oferece maior liberdade.

A trilha nos remete às paisagens que exploramos ao longo das caminhadas, enquanto se submeter aos “trilhos” é se aventurar às perspectivas de possíveis descarrilamentos.

A trilha, como qualquer outra caminhada é “abrir-se aos detalhes” que compõem os cenários diversos e plurais, e, esse fato permite uma analogia com a orientação e/ou a (des)orientação.

Nada nos impede que explorando uma “trilha” nos percamos no caminho ou nos distancieemos do ponto inicial de nossa trajetória em nosso texto: os caminhos que nos aproximam dos objetivos traçados pelo trabalho na vida/mundo acadêmica.

Por esse motivo, conhecer os atalhos e os percalços da “trilha acadêmica” pode ser de extrema valia na relação orientador-orientando(a), constituindo-se em um dispositivo ou ferramenta de auxílio no percurso a ser adotado, evitando-se 'acidentes' que se assemelhem ao descarrilamento citado. A proximidade e/ou o distanciamento dos objetivos traçados podem se transformar em uma barreira por vezes difícil de ser transposta, levando orientador e orientando(a) a um processo desgastante, por vezes tornando uma “trilha” usualmente agradável em um possível “trilhamento”. Nesse momento ressalte-se a importância do processo de orientação que, em face dos 'obstáculos', pode se transformar momentaneamente em (des)orientação para ambos na/da vida acadêmica. Julgo oportuno destacar que o estabelecimento de uma parceria efetiva na relação orientador/orientando(a) representa a perspectiva de uma experiência singular para ambos, tornando mais simples experimentar a “trilha” com leveza ao invés de transformar a caminhada em um “trilhamento”, que geralmente enquadra, limita e dificulta a mobilidade e o alcance dos objetivos traçados.

Garcia Roza, ao propor sua opção pela trilha, de quem explora as possibilidades e os encontros de paisagens, oferta na caminhada acadêmica a metáfora de quem experimenta/vivencia com maior liberdade cada uma das facetas dos desafios impostos pelo mundo à parte que representa a academia. Tendo submetido ao divã o que seria afinal a orientação, remeto aos momentos iniciais e ansiogênicos que antecedem as entrevistas de candidatos que, de um lado, desenham caminhos leves paisagísticos, e de outro, os 'descaminhos' e os desencontros que toda caminhada oferece como oportunidade de aprendizagem coletiva.

Uma orientação - e, porque não falar do seu par de oposição, a desorientação - é um convite a descer do trem que percorre as diferentes estações acadêmicas e examinar com devida atenção e carinho os detalhes ofertados pela paisagem da trilha vivenciada na relação orientador-orientando(a). ■ ■ ■

***ARTEVISTA é todo aquele que usa o seu AR da forma adequada (sem mais e sem menos, porque oxigênio é vida dentro e fora dos pulmões); aquele que se refere ao TE, que aponta para a implicação com as causas (e os causos) que o cercam, te refere-se a SI mesmo; VI, pode ao mesmo tempo resumir vida, visão/percepção interior e exterior do que nos afeta e contagia já o ISMO eu deixo aos leitores uma provocação, o que seria pra cada um de vocês ?**

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.